

BERNARD-HENRY LÉVY

Ou seja, além do suporte da família e da vida acadêmica, recebeu aulas de pintura, estudou piano por dezessete longos anos, foi faixa-preta de judô, viajou muito. Os inimigos insinuam que Bernard é o tipo de pessoa que não se importa com o preço das coisas. E mais intrigam quando se referem a fantásticas contas de restaurantes, algumas no valor de milhares de francos. O que dizer, então, de sua amizade com grandes costureiros franceses, em particular com Yves Saint Laurent, o qual financiou boa parte do filme documentário baseado nas *Aventuras?*

Recolhido ao conforto de um belo apartamento a poucos passos do mesmo Boulevard Saint-Germain, onde cortinas de tafetá amarelo contrastam com vasos de tulipas vermelhas, Bernard foi capaz de escrever uma ode magnífica ao *mestre* Saint Laurent. "Eu

tocar na vida íntima deste homem que, além de talentoso, ainda ostenta 42 anos absolutamente preservados na face sem rugas, e um físico idêntico ao do garotão que, em maio de 68, desfilava em protestos políticos ao lado de Yves Montand, Joan Baez, Jean-Paul Sartre. É forçoso reconhecer: Bernard encanta, magnetiza. E esse foi o motivo que levou o cineasta Jean-Luc Godard a convidá-lo para um dos bons papéis do filme *Je vous Salue, Marie*. Convite recusado. Pior para o cinema francês.

"É importante dizer isso: na França, as pessoas não invadem a privacidade alheia. Afinal, isso aqui não é Estados Unidos!", brinca; "no entanto, existem tentativas de intromissão. É preciso estar atento." Seria inoportuno sondar se existe alguma coisa entre Bernard e a jovem atriz francesa Arianne Domsale? Seria indelicado perguntar por que ele esconde tanto seus dois filhos adolescentes, Justine e Antonin?

"Minha vida pessoal e meus planos são sempre misteriosos", insiste, evitando falar inclusive de uma peça de teatro, sua primeira tentativa no gênero, que ele está escrevendo no momento. "Para produzir bem eu me isolo. Onde? Pode ser, por exemplo, na Côte D'Azur, num lugarejo chamado Saint-Paul-de-Vence, num hotelzinho simpático, o Colombe D'Or." Mas, enfim, para ler, pensar e escrever é preciso estar totalmente só? "Quase só...", responde com calculada malícia.

Essa delicada descrição já fascinava as mulheres nos idos de 84. Foi quando Bernard publicou o primeiro romance, *O Diabo na Cabeça*, iluminando com especial ternura os personagens femininos, a ponto de confessar: "Todos os meus heróis decifram a História sobre o corpo da mulher amada. É quando se despe a verdade". Algo mais? Sim, uma xícara de chá amargo. Jacques sabe como encerrar o almoço de *monsieur Lévy*.

LAURA GREENHALGH

AS REGRAS DO JOGO

Criticado pelos radicais da direita e da esquerda, Bernard-Henry Lévy insiste em afirmar sua liberdade de pensamento. Eis alguns dos pontos de vista deste filósofo audacioso, que se diz "possuído pela vontade de viver".

Paixão: "A de convencer, sempre! Não tenho renunciado nem aos sonhos nem aos combates. Saio constantemente do meu Faubourg Saint-Honoré para testemunhar o presente, o mundo, o grande teatro da vida".

Ecologia: "Salvemos o planeta, sim. Mas não me venham dizer que só um consenso ecológico resolverá os problemas da humanidade. Esse planetarismo é uma tola ilusão".

Certeza: "Nazismo, fascismo, stalinismo... foram ideologias mortíferas que pregaram ideais de pureza e escravizaram o homem. Chega de servidão!"

Dúvida: "O fim do comunismo no Leste Europeu garante o triunfo da democracia em todo o nosso planeta? Sinceramente, não sei..."

Utopia: "Não precisamos dela. Tentemos encontrar o caminho da razão e do bom senso".

Latinidade: "É um belo slogan para certos políticos franceses".

Terceiro Mundo: "Chega de gritar 'Abaixo o imperialismo'. O Terceiro Mundo precisa, urgentemente, enxergar os seus próprios erros".

Brasil: "A capital é Brasília, não é? Um belo país com muitos problemas... quero conhecê-lo".

Esperança: "A Alemanha unificada pode se converter numa bela nação democrática. Vou dar um tempo à minha germanofobia".

Personalidade: "Yves Montand. Tem carisma. Sempre soube traduzir as idéias do seu tempo".

Estilo: "Quero a singularidade. Por que deveria abandonar as minhas camisas brancas? Por que deveria sorrir mais para as máquinas fotográficas? Aprendi que, a partir dos 40 anos, somos altamente responsáveis pela nossa aparência. E eu estou com 42".



GILLES SAUSSIER/GAMMA

“Sou movido por essa paixão de convencer. Jamais renunciarei aos meus sonhos e combates”

penso nos vestidos inspirados em Matisse, Mondrian, Picasso, Cocteau. Sonho com essas mil citações invisíveis que colorem o seu trabalho. Saint Laurent não copia, cita. Não cita, interpreta. E mistura, mescla, mestiça." São palavras embebidas numa sensibilidade feminina — por que não? — ditas por um intelectual que estampa uma visão singular do mundo.

Mulheres. Foram muitas, são tantas, o que dizer delas? Pausa. Silêncio absoluto no Twickenham Bar. Fazia parte de um acordo não